

## 5

### Considerações finais

#### A FUNÇÃO DA ARTE / 1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano

A escola tem obrigação de formar leitores, se entendemos a leitura e a escrita como direitos sociais (KRAMER, 2004). Esta é uma premissa que assumo. Aqui não trato apenas de alfabetização, mas de letramento, considerando o literário, o funcional, o digital, enfim, todas as dimensões que hoje o conformam e ajudam a preparar o indivíduo para a vida na sociedade atual. Walty defende a escolarização da literatura: “muitas vezes a escola é o único lugar em que a criança tem acesso ao livro e ao texto literário. Numa sociedade empobrecida, a escola não pode prescindir de seu papel de divulgação dos bens simbólicos que circulam fora dela, mas para poucos” (2006, p. 54). No caso dos estudantes pesquisados, não podemos considerar que a escola seja o único lugar possível de contato com o texto literário, já que, com o computador, todos têm acesso à ‘biblioteca eletrônica’ (CHARTIER, 1999b), que se constitui também deste tipo de texto. Porém, estes alunos não possuem uma trajetória de socialização e sociabilidades que tenha favorecido intimidade e aproximação com a literatura. Em seu meio familiar, de uma forma geral, não prevalecem valores e práticas associados à cultura literária. Nos diversos grupos sociais em que estes jovens transitam, para além da família e da escola, sociabilidades em torno da literatura são praticamente inexistentes. Foram raras as menções a este respeito. Pela visão de setenta por cento dos alunos entrevistados, a escola não consegue incentivar e

desenvolver o gosto pela leitura. Portanto, são jovens com poucas oportunidades de iniciação como leitores literários, por condições de vida e familiares.

Ao se transformar a literatura em “saber escolar” (SOARES, 2006, p.21), o cuidado volta-se para a construção de uma pedagogia que não afaste os alunos do literário, tratando este tipo de texto como simples pretexto para o ensino de conteúdos programáticos, com cobrança posterior. Entendo que uma escolarização adequada da literatura deveria privilegiar um estudo do texto “no sentido da exploração de seus elementos literários” (PAULINO, 2004, p.7), permitindo ao leitor usufruir da experiência estética (EVANGELISTA, 2008, p.5), construindo memórias prazerosas de contato com o texto que favoreçam o desenvolvimento do gosto pela leitura literária. Luana não logra atingir este resultado, ao menos no que diz respeito à maioria dos alunos. De acordo com o jovem Luciano, ela tenta, mas não consegue despertar ‘paixão’ pela literatura nos alunos.

A professora Luana interrompe uma frase para esperar um caminhão passar. Depois comenta com a turma: ‘Hoje está difícil. É sempre assim e eu tinha me esquecido?’. Um aluno desabafa: ‘Hoje está um caos!’. Desdobrando a metáfora do jovem, eu me pergunto: como ensinar leitura no ‘caos’? Qual seria a pedagogia de literatura possível e adequada ao cenário adverso que a professora enfrenta? O letramento literário dos alunos que Luana persegue é afetado pela associação de suas escolhas didáticas às possibilidades e limites que seu contexto de trabalho apresenta, ou seja, às circunstâncias. Vale lembrar que, em avaliações oficiais, a instituição pesquisada apresenta resultados acima da média das escolas do Rio de Janeiro. Vimos que o barulho excessivo dos veículos, invadindo a sala de aula, boicota uma estratégia central utilizada para estimular a leitura literária, que é a transmissão vocal dos textos. Magda Soares, ao criticar o tratamento dado à poesia em livros didáticos (quando esta é usada como pretexto para exercícios de gramática e ortografia), reforça a necessidade de se promover uma “interação lúdica, rítmica com os poemas”, que pode levar a criança ou o jovem “à percepção do poético e ao gosto pela poesia” (2006, p.27). Como é possível promover este tipo de interação, seja com prosa ou poesia, em meio ao ruído de rua que invade a sala de aula? O silêncio (ou, ao menos, um nível bem menor de barulho) é necessário tanto para a escuta dos textos como para a concentração que a leitura exige. Em relação à condição socioeconômica dos alunos pesquisados, sabemos que a maior parte deles e de suas famílias enfrentam restrições econômicas que

podem dificultar ou mesmo impedir a compra sistemática de livros e outros suportes para uso escolar. Esta circunstância soma-se à limitação do acervo de livros disponível na escola (que, a despeito disto, a professora classifica como ‘possibilidade’ que a instituição oferece<sup>1</sup>). Isto reduz de forma significativa o leque de escolhas para que possa ocorrer a ‘festa literária’ que Luana diz experimentar como leitora eclética no seu contato pessoal com os livros. Festa combina com diversidade, diversão, liberdade de escolha. O repertório escolar disponível se restringe basicamente a poucos livros e autores pertencentes ao cânone escolar. Neste contexto, dá-se a opção pelo trabalho com textos curtos ou fragmentos de textos fotocopiados (onde se explicita a preferência pelos autores clássicos), sempre seguidos de exercícios. Complementando as limitações de suporte, a biblioteca não se configura em instância de escolarização por conta das dificuldades de acesso e da precariedade de atendimento, apontadas por professora e alunos. Luana opina: ‘A biblioteca não tem pessoal certo. A biblioteca não é... aqui não é um incentivador da leitura nenhum’. Na mesma linha, a sala de computadores da escola apresenta problemas estruturais que dificultam ou mesmo inviabilizam seu uso, segundo o ponto de vista de Luana. A pedagogia da literatura da professora não inclui o computador como suporte de leitura. Sua proposta central para estimular a leitura - de partir de centros de interesse dos alunos para oferecer algo novo - concentra-se na busca de temas de interesse dos estudantes e não privilegia a questão dos suportes e tipos de texto que povoam seu dia-a-dia. Desta forma, não são levadas em conta as novas maneiras de ler e escrever associadas ao texto eletrônico, que integram práticas cotidianas significativas destes jovens, constituindo-se em valor, fonte de interesse, formação, prazer e novas sociabilidades. A partir de sua pesquisa com adolescentes internautas, Freitas conclui que “na era das novas tecnologias digitais, [os jovens] têm encontrado nestes espaços virtuais, nos quais transitam pela leitura/escrita, possibilidades para atender aos seus interesses, construir sua identidade, deles fazendo um possível espaço de formação” (2003, p.160). Assim, a pedagogia da literatura de Luana deixa de lado a prática mais frequente e prazerosa de leitura dos alunos no seu cotidiano: a leitura digital. Com isto, perde

---

<sup>1</sup> Perguntei à professora Luana: quais são os limites e as possibilidades da sua ação no contexto dessa escola? Assim ela iniciou sua resposta: ‘O que me ajuda é essas coletâneas de livros que a gente tem’, referindo-se aos exemplares que ficam guardados no armário da sala dos professores.

a Internet e o texto eletrônico como aliados para promover práticas significativas de contato com a literatura.

Para compreendermos os resultados atingidos pela pedagogia da literatura de Luana, é necessário associar suas estratégias didáticas às circunstâncias de trabalho que enfrenta. O caso desta professora nos confirma que não deve haver receitas prontas e fechadas no que diz respeito à escolarização adequada da literatura, desvinculadas de contextos sociais, econômicos e culturais. Mesmo o professor de literatura questionador, criativo, leitor, na sua prática docente, move-se entre constrangimentos e liberdades. A cada professor, em cada sala de aula, renova-se o desafio: entender limites e possibilidades de seu contexto particular de trabalho, e, nele, propor práticas de leitura revestidas de significado para os alunos, que possam promover aproximação com a literatura.

Um arranjo a poesia me deu: jeito de arriscar. Na trilha, atravessando ensino, imaginei literatura por um país de leitores. Saber de leitura derrama lento, sei. Travas da política e mais outras. Mas o tempo atreve alegria.